



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

**O imaginário social sobre o enfermeiro no cinema: uma
aproximação histórico-social**

Aluno: Lucas De Sousa Santos

Orientador: Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

São Paulo

2021

1. Resumo

Introdução: Intensificado no início do século XX, o cinema se consolidou ao longo das décadas como um dos mais importantes veículos midiáticos existentes. É através desses veículos que a realidade pode ser retratada, como já o faz comumente a “sétima arte”. Podendo entremear entre o ficcional e o documental, o cinema não necessariamente tem a obrigação de tratar sobre a veracidade cotidiana como licença artística, mas mesmo subjetivamente o faz, disseminando o imaginário social a partir de diversas imagens e arquétipos humanos, como o profissional enfermeiro, em sua área ou fora dela. Assim, justifica-se a escolha feita no presente estudo sobre três obras filmicas, produzidas em contextos diversos entre si, épocas e países, conquanto, culturas diferentes, e ao mesmo tempo que as obras escolhidas têm um ponto de intersecção no que tange à figura do profissional enfermeiro nos contextos sociais em que foram produzidas, retratando em boa medida o que esse profissional representa ou é representação por meio do imaginário social. Assim, o estudo realizado possibilita uma aproximação da linguagem filmica e do imaginário social, entrelaçada à análise histórico-social do que é e do que representa esse profissional por meio das obras filmicas trabalhadas.

Objetivo: Descrever e analisar o imaginário social acerca da representação do enfermeiro no cinema, considerando-se o contexto cultural e histórico de cada obra filmica escolhida.

Metodologia: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, analítica e de caráter histórico-social-cultural, com base no referencial teórico sobre o “imaginário social”, em três obras da arte cinematográfica de épocas e países de origem distintos – sendo tais obras: “Um Estranho no Ninho”, de 1975, “Desejo e Reparação”, de 2007 e “Meu Pai”, de 2020.

Resultados: A enfermagem apresenta-se, por vezes, retratada de forma diferenciada em películas filmicas, como a que invoca grandes ícones, vultos ou personalidades e seus feitos ou contribuições para o desenvolvimento da profissionalização, como Florence Nightingale. Tal representação costuma desvelar-se de forma unificada, considerando a agudeza do profissional como prestador de cuidado, cuja entrega à profissão se dá por um ato humanitário, porém sem discutir amiúde o processo histórico da construção identitária do que é ser enfermeiro e do que ele faz, em prol da coletividade social. Portanto, as obras em conjunto compactuam, cada qual, como personagens de seu tempo, indicando a posição da enfermeira em suas historicidades específicas analisadas.

Conclusão: O estudo contribuiu para a desmistificação do olhar integrado e estereotipado, na esperança disto consolidar-se culturalmente e avançar na descrição e análise atenta, cuidadosa e atual acerca das diferenças que o ofício requer para vislumbrar as manifestações do ser e do fazer do enfermeiro, como ator social do seu tempo e do contexto estrutural no qual se vê inserido. Este estudo, ademais, alargou o conhecimento sobre outros olhares da produção fílmica e o papel social do enfermeiro, problematizando sobre quem é esse profissional e o que ele faz, a relevância e o reconhecimento de suas práticas, considerando-se o contexto histórico-social.

Descritores: Pesquisa em Enfermagem; História da Enfermagem; Cinema.

Área Temática: História da Enfermagem.

2. Introdução:

Intensificado no início do século XX, o cinema se consolidou como um importante veículo midiático. Tendo como atrativo principal a imagem e o que se apresenta através dela, é o responsável por registros fílmicos documentais ou de histórias ficcionais. Denominada Sétima Arte, acreditava-se que o homem teria alcançado o feito de reproduzir a realidade como era pelas lentes das câmeras disponíveis à época. Porém, isso não a impedia de, por não ser um olho mecânico livre de imposições orgânicas humanas, limitar-se a enxergar apenas o que o seu diretor/realizador queria mostrar.¹

Segundo Bergan, o crítico franco Riccioto Canudo propôs, em 1926, que o cinema superasse o realismo documental, ou seja, que passasse da simples função de reproduzir fotos sequenciais sobrepostas umas às outras e refletisse as emoções dos cineastas e a psicologia dos personagens, incluindo seu inconsciente.² Muitas das obras desse período são as que hoje possuem o status de cânones cinematográficos, quando imagens em movimento, mesmo sem presença sonora, encantaram populações mundo afora no pós-Primeira Grande Guerra. Logo após, o cinema a cores e sons se consolidam como importantes personagens do nosso plano sócio-cultural correntes no tempo vigente.³

O cinema deve ser, antes de tudo, a reprodução e o reconhecimento do lugar e do tempo em que é feito, realizado pelos únicos que são capazes de fazê-lo, responsáveis pela formação do seu futuro.⁴

Diante de tudo isso, Patlagean reforça a possibilidade de filmes serem utilizados como fontes de estudo e como fontes históricas na análise da construção de imaginários sociais diversos.⁵ Deste modo, deduz-se que não poderia ser diferente nos estudos que invocam a compreensão acerca da representação da enfermagem no cinema.

A história e a identidade da enfermagem foram (re)construídas por diversos fatores, como as diferentes civilizações, culturas, geografia, religião predominante, formas de divisão do trabalho e pela representação artística. Dos idos tempos antes de Cristo – perpassando ao Antigo Egito e a Índia com seus costumes de cura medicinais primordiais à Idade Média, na mulher como cuidadora do lar e de enfermos como um dom natural feminino, deixando o papel medicinal ao médico -, esses foram os pilares para a construção intensificada da enfermeira, existente até os dias atuais.⁶

Sendo uma profissão desenvolvida através dos séculos, em estreita relação com a história da civilização nas mais remotas eras, podemos imaginar a mãe como a primeira enfermeira da família. Entretanto, a convicção de que as doenças eram um castigo divino, ou efeitos do poder diabólico exercido sobre os homens, levou os povos primitivos a recorrer a seus sacerdotes ou feiticeiros como saída desesperada, acumulando estes as funções do médico e farmacêutico protocolares.⁷

Ainda em contraste com esse episódio, houve um tempo avelhantado que pela delimitação imposta às mulheres ao lar, e ainda às suas faltas de instruções educacionais, as que possuíam méritos medicinais eram taxadas de bruxas e hereges perante as entidades locais - as que fossem religiosas. Mais tarde, as mesmas instituições que perseguiram-nas e as subtraíram socialmente, restringiu seus encargos para demandas clericais, subjugando-as em voluntariado em prol caridoso.⁸

Marie Collière afirma que até o fim da Idade Média havia duas divisões destinadas a essas mulheres do cuidado: as matronas e as beatas. As matronas eram as encarregadas do auxílio aos partos e nascimentos, à gestante e à puérpera, aos recém-nascidos e às crianças. Esses cuidados eram carregados pela base da definição e constatação da fertilidade e da concepção da vida por essas mulheres designadas a tais feitos, algo a que seus corpos estariam mais aptos do que os corpos e ações masculinas. As práticas realizadas pelas matronas tinham como base suas próprias vivências anteriores e o saber transpassado por suas ancestrais. Após esse cumprimento consagrado, suas convicções maternais se deram em alto valor pela cristandade.⁹

O Renascimento transcorrido entre os séculos XIV a XVI foi responsável por uma revolta à supremacia da Igreja Católica, quando dissolvidas diversas ordens eclesiásticas, incluindo o trabalho feminino nessas ordens, dando início ao chamado período obscuro da Enfermagem. Com a perda da hegemonia da igreja, as religiosas foram retiradas dos hospitais e substituídas por mulheres de “baixa qualificação moral”, conforme constavam os valores. Estas assumiram o cuidado aos enfermos em troca de baixos salários, sendo esse um período significativo à historiografia da Enfermagem, vivenciado ainda em montantes da atualidade.¹⁰

Com a introdução do modelo nightingaleano, fundado por Florence Nightingale em 1860, quando criou a Escola de Enfermeiras do Hospital Saint Thomas em Londres, as ditas passaram a ser vistas como auxiliares dos profissionais médicos.⁹

Mudanças apreciáveis de cunho social à profissão, ainda normatizada ao cuidado e ao lar, passariam a surgir no século XIX quando Florence se tornaria pioneira nas hoje conhecidas bases da enfermagem moderna, com uso da norma biomédica, cursos e faculdades que capacitaram profissionais aptos para trabalhar como enfermeiras, intensificando a tática de enfermagem para o caminho de sua constatação como ciência e elevação na opinião pública, vide os serviços antes prestados dispensarem o cunho científico.¹¹

Partindo dessa premissa, a Inglaterra foi palco da reconhecida Revolução Industrial, caracterizada pelo processo de desenvolvimento econômico-capitalista que exigia muito da classe trabalhadora e lhes fornecia precárias condições de vida. Nisto, acompanhava-se o modelo de divisão do trabalho, quando na tentativa de sistematizar as técnicas em saúde, distanciou-se hierarquicamente as profissionais enfermeiras em *Lady Nurse* e *Nurses*, âmbitos classistas díspares. As primeiras recebiam a alcunha de denominação superior técnica e intelectual, atuando regularmente na gestão de equipe e local, por pertencerem a condições conceituadas altas. Para as segundas, o serviço manual de conhecimento é apenas básico. Suas integrantes pertenciam geralmente a setores sociais de capitais inferiores.¹²

As *Nurses* advinham do período renascentista quando protelaram em jornadas extenuantes e exploratórias suas essências domésticas em hospitais, outrora espaço religioso, agora palco de desorganização e degradação humana sem o mínimo adequado de zelo. Esta queda dos padrões morais, sustentaram o discurso da dita enfermagem à época, afastando as mulheres de classes elevadas, que comitadamente outorgaram-se num novo comportamento que as instauraram como indispensáveis no campo familiar e na obediência a seus maridos, iniciando

ali um período de decadência da prestação dos cuidados de saúde, recuperada somente em séculos sucessores.¹³

A estrutura acima da enfermeira, suas representações de damas, devotas ou auxiliares médicas, influenciaram na História o ingresso do contexto da analogia da enfermagem. Com os movimentos iniciais pela profissionalização desta na Europa e na América (final do século XIX e início do XX), a enfermagem passou a ser considerada uma forma de trabalho escolhida pelo dom do esmerado desvelo, considerado inato às mulheres.¹⁴

Ainda, o termo “enfermagem” é amplo e não totalmente significativo de qual é, afinal, a identidade profissional da enfermagem. De outro modo, ela traz consigo, em seu dinamismo de trabalho, diversos preconceitos e descrédito, e está longe de ser reconhecida pela sua complexidade. Em países como o Brasil, por exemplo, há mais de uma categoria, contemplando enfermeiros, técnicos e auxiliares. E mundialmente, ainda é desprovida de uma representação masculina. Por ora, a questão análoga da enfermagem está em construção - pode ser definida como uma carreira em constância.¹⁵

Sendo o imaginário social um claro campo de estudo sobre as imagens verbais, visuais e mentais de determinada sociedade, influenciada pela cultura local, seus objetos estudados são mais definidos, buscando reconhecer neles questões simbólicas, políticas, culturais e padrões de representações que interagem com a sociedade específica. Construído e expresso através de símbolos, não necessariamente possui um acordo com a realidade. Por isso, é delimitado pelas representações e apreensões atribuídas às coisas pelo ser humano.¹⁶

Logo, o imaginário social da enfermagem está presente também na cinematografia de diversos países, revelando ao longo dos anos quem eram e quem são as (os) enfermeiras (os). Em “Desejo e Reparação”, de Joe Wright, 2007, fala-se da comum trajetória das mesmas frente à Segunda Grande Guerra como prestadoras emergenciais aos combatentes, além de uma conduta social, e do encontro da redenção para a protagonista em expiar seu passado realizando uma boa ação comunitária.¹⁷ Em “...E o Vento Levou”, de 1939, a protagonista Scarlett O’hara, vivida por Vivien Leigh, remonta à mesma situação de caridade patriótica em tratar soldados feridos, desta vez, pela Guerra de Secessão americana, em que as suas iguais recebiam a alcunha da domesticidade.

Em “Persona”, de Ingmar Bergman, lançado em 1966, a enfermagem é descrita como uma posição social feminina ao refletir na personagem de Bibi Andersson a parcela figurativa matrimonial e que, portanto, lhe foi permitida esta formação academicista.¹⁸ Aqui, como em

“O Paciente Inglês”, de 1996, é retratada a enfermeira empática, que performa a prestação de serviços em demasia ao socorrido. O carinho também é refletido em “Fale com Ela”, de 2002, do espanhol Pedro Almodóvar.

A crítica aos profissionais e instituições de saúde não excluíram a enfermagem, explicitando uma delas extremamente rígida e disciplinante em “Um Estranho no Ninho”, 1975, de Milos Forman, ambientado em um sanatório. Situações de frieza na área também foram abordadas no brasileiro “O Bicho de Sete Cabeças”, 2000, pautado na reforma psiquiátrica. A sexualização da mulher está presente em diversos vídeos pornográficos e na pornochanchada. Em “A Mãe e a Puta”, de Jean Eustache, esse imaginário é apresentado na tela, evocando a imagem de uma enfermeira com desvios de caráter, estereótipo das antigas cuidadoras provenientes de ambientes decadentes.¹⁹

Em 2020 também houve projeção mundial do longa metragem “Meu Pai”, que adapta uma peça do francês Florian Zeller, que também dirige o texto filmado, narrando a digressão psicológica do idoso interpretado por Anthony Hopkins, que em decadência mental captura os momentos da perda espaço-temporal acometido pela doença progressiva. Ao seu lado atuam dois enfermeiros de uma instituição de longa permanência, expressos estes em uma visível e louvável abrangência da competência da profissão no cuidado doméstico, por exemplo, desviando para além do campo hospitalar tradicional e estigmatizado.

Em suma, a partir dos exemplos vivazes retratados, investigar e analisar o papel e a imagem do profissional enfermeiro referenciado no imaginário social do cinema, para observar e discutir sua função, estigma e inserção dentro da mídia cinematográfica a partir de obras selecionadas com o intuito de desmistificar o seu olhar integrado e estereotipado para uma inspeção mais atenta e atual agregando à futuras discussões e estudos que notifiquem a evolução na profissão para o imaginário abrangente.

3. Justificativa:

A Pesquisa em História da Enfermagem favorece o conhecimento e apreensão das raízes da profissão e promove o sentimento de pertencimento, orgulho e identidade profissional.²⁰

Assim, o presente estudo justifica-se para ampliar o horizonte de compreensão do imaginário social sobre o enfermeiro nas produções fílmicas escolhidas, tendo em vista que o campo da imagem desses profissionais (enfermeiros/as) tanto pode refletir como está refletido na lente

do cineasta de forma a problematizar socialmente sobre quem é ou quem são esses atores sociais e sobre quais são as suas práticas sociais no campo da saúde, da educação, através desse imaginário social produzido e retratado na tela e no cinema. Daí o seu interesse como investigador de explorar um pouco mais esse universo do cinema e do imaginário embutido nas imagens e no contexto dessas produções filmicas escolhidas para a realização do estudo, propositalmente.

4. Problema de pesquisa

Com base na literatura levantada da história da enfermagem, o pesquisador construiu a seguinte questão de pesquisa:

Como se dão as construções do imaginário social sobre o enfermeiro, no contexto das obras filmicas escolhidas?

5. Objetivos

Com fulcro na história da enfermagem e no referencial teórico do imaginário social, delineou-se como objetivos desta investigação:

Descrever e analisar o imaginário social acerca da representação do enfermeiro, considerando-se o contexto cultural e histórico de cada obra filmica escolhida.

6. Percurso metodológico

6.1. Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa analítica e de caráter histórico-social-cultural, com base em três obras das artes cinematográficas de épocas e países de origem distintos – sendo elas, “O Estranho no Ninho”, de 1975, “Desejo e Reparação”, de 2007 e “Meu Pai”, de 2020-, com o intuito de descrever o imaginário social acerca da representação do enfermeiro, considerando as obras filmicas escolhidas e o contexto cultural e histórico da sua produção. Com isso, espera-se expandir a compreensão sobre a História e a identidade da própria enfermagem e do imaginário social do enfermeiro.

6.2. O uso das fontes históricas no estudo

As fontes primárias são os filmes selecionados e as secundárias foram os estudos da história social da enfermagem. Para Martins, as fontes secundárias são “estudos historiográficos e obras de apoio a respeito do período e dos autores investigados”.²¹

6.3. Critérios de seleção dos filmes para utilização neste estudo

A escolha do filme baseou-se nos seguintes critérios estabelecidos pelo pesquisador:

- a) ao menos uma personagem enfermeira/o, a qual é identificada como tal;
- b) ao menos uma cena que mostre a relação de cuidado direto entre enfermeira/paciente;
- c) ao menos uma cena em que a personagem enfermeira/o fala;
- d) ao menos uma cena que demonstre atitudes do enfermeiro quanto à profissão.

6.4. Procedimentos Éticos

Por não se tratar de um estudo com seres humanos, não houve necessidade de se submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa e porque as obras filmicas selecionadas são do domínio público. Assim, por se tratar de uma abordagem das representações da enfermagem nos filmes, buscando desvelar o imaginário acerca do ser enfermeiro, a presente proposta não envolve seres humanos como sujeitos ou participantes da pesquisa.

6.5. Instrumento de coleta de dados

O instrumento é composto de três partes, a saber: características filmicas; a dinâmica da narrativa e os pontos de vista alusivos à obra filmica.

O pesquisador procedeu à coleta de dados a partir da seleção dos filmes que foram estudados na pesquisa. A seleção levou em conta a importância do conteúdo do filme, a representação da enfermagem, o ano de produção e a narrativa filmica. Para tanto, foi utilizado o instrumento proposto por Penafria.²²

A coleta deu-se através da descrição de três elementos: a) características filmicas; b) Dinâmica da narrativa; e, c) Pontos de vista. No primeiro, observou-se os seguintes elementos: figurino, instituição em que a personagem atua, hospital, clínica, etc; temporalidade como ano, época e contexto social da produção do filme. No segundo, foi descrita, sucintamente, a dinâmica do filme e o último elemento é constituído por três bases: o ponto de vista visual-sonoro; o ponto de vista narrativo e o ponto de vista ideológico.

6.6. Procedimentos para a análise dos dados

A análise do conteúdo filmico foi realizada com base no instrumento proposto por Penafria em “Análise de Filmes - conceitos e metodologia.”²² Esta metodologia se baseia, primeiramente, em compreender a leitura externa do filme, ou seja, uma análise que estuda o contexto em que o filme foi lançado, o estilo de filmagem do diretor, o ano de produção; em seguida, proceder-se-á a uma leitura interna, que propõe o estudo de características intrínsecas do filme, como enquadramento, som, planos, figurino e outros.

Assim, a pesquisa demandou a descrição das *Características do Filme* – como sua duração, título e ano. Depois, a *Dinâmica da Narrativa*, na qual foi feita a decupagem de fotogramas e cenas selecionadas. Como esta pesquisa foca no imaginário social, as cenas decupadas foram as que contêm importantes informações acerca do assunto estudado nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, a decupagem deve ser entendida como a fazedura de decomposição do filme em planos, ou seja, a tomada de cena, que é apresentada entre um corte inicial e um corte final.²³ Há quatro planos principais no cinema: o Plano Geral, que é muito utilizado em exteriores amplos, dando uma visão integral do espaço de ação a ser mostrado; o Plano Médio, que é definido pela posição da câmera de modo que mostre o conjunto de elementos envolvidos nas ações, apenas se difere do Plano Geral pela característica de mostrar ambientes menores; há o Plano Americano, que mostra os atores/personagens apenas até a cintura, devido à maior aproximação da câmera, e o Primeiro Plano (close-up), no qual a câmera está muito aproximada de um objeto ou personagem, fazendo com que este preencha a tela completamente. Esses planos podem ser analisados para entender os objetos e a forma de representação que acontece em determinada cena específica.²³

A última etapa da metodologia consiste na invocação dos *Pontos de Vista*,²⁴ compostos por três pontos de análise:

- *Sentido visual/sonoro*: análise do filme nos seus aspectos visuais e sonoros, como a posição da câmera em relação ao objeto filmado, os sons/ trilha sonora que podem ser ouvidos durante a cena. Há classificações sobre o uso do som nas produções cinematográficas, como a de: som não-representativo, que é a música; figurativo, que é o som diegético e o som ambiental e representativo, que são os diálogos e locuções.
- *Sentido Narrativo*: a narrativa é entendida como a soma do enredo (modo como a história é contada) e história (sucessão de acontecimentos provocados ou não pelos personagens).
- *Sentido Ideológico*: verificar e identificar possíveis posicionamentos do diretor acerca

da mensagem/ideologia do filme.

Nas conclusões dos dados analisados, o pesquisador conseguiu ter uma interpretação final sobre o objeto estudado. Assim, após a coleta dos dados, estes foram analisados com base na historiografia a partir do campo de estudo da história social da enfermagem, pois é sabido que é preciso reconhecer e analisar o passado não contando apenas o que aconteceu, mas compreendendo os fenômenos, suas raízes e suas implicações. Portanto, considerou-se o espaço temporal, a cultura e sociedade em que se insere. Nos estudos da ciência do cuidado, a história social se mostra importante por dar luz a acontecimentos, técnicas e fazeres passados, tornando possível entender o porquê de tais técnicas serem hoje tratadas de formas diferentes ou iguais. O passado é analisado para se entender o presente da enfermagem.²⁵

Diferentes formas de documentos históricos são possíveis de serem utilizados no estudo da história social, tal como a memória oral, documentos escritos e, recentemente, as obras do cinema, que unem a imagem e o som. São necessárias críticas internas e externas frente aos diferentes documentos históricos. Considerar quem é o autor, por que e para quem foi produzido; comparar os dados com outros documentos e outras interpretações.²⁵

No uso de vídeo para pesquisa em história da enfermagem, é importante ressaltar que ele é considerado uma evidência testemunhal, devendo então, no estudo realizado, indagar sobre as fontes, autores e circunstâncias. O cuidado em não apresentar apenas a interpretação pessoal do pesquisador deve ocorrer, utilizando uma metodologia qualitativa, revisão das fontes e de fases para análise do vídeo, que seriam: descrição das qualidades do fato-acontecimento; identificação das percepções de um âmbito de vida; reconhecimento dos elementos que participam na percepção do fenômeno e a construção realizada pelos próprios sujeitos que testemunham sobre o fenômeno. Os autores ressaltam para os estudos que vídeos são formados por experiências humanas, evidências e narrativas históricas. Toda imagem por si só apresenta uma leitura, mas requer um lume do contexto em que foi produzida, para evitar que apareça apenas o sentido do historiador.²⁵

Considerando que a História do Imaginário se volta para objetos e imagens mais definidos e concretos, diferentemente da História das Mentalidades, que estuda objetos mais abstratos e captados por modos coletivos do sentir, as imagens estudadas e analisadas não são encaradas como um fim em si mesmas, mas repletas de símbolos, visões de mundo e representações diversas.²⁶

8. Resultados:

8.1 Apresentação dos Resultados

Os resultados obtidos são a seguir apresentados de forma sintética em tabela, possibilitando, assim, ter-se uma ideia ampliada acerca dos filmes no apoio à leitura dos resultados e a seguir serão apresentadas as descrições adequadas sobre cada obra fílmica selecionada e analisada.

8.2 Quadro Sinóptico: Produções Fílmicas Escolhidas

Filmes/Análises	Desejo e Reparação	Um Estranho no Ninho	Meu Pai
Características Fílmicas	Lançamento em 2007. França/Inglaterra.	Lançamento em 1975. Estados Unidos.	Lançamento em 2020. França/Inglaterra.

8.3. Características Fílmicas: detalhamento das obras escolhidas

8.4. Desejo e Reparação: “Atonement”. Lançado em 2007, vertido à nossa língua sob o título de “Desejo e Reparação”. Com Keira Knightley, James McAvoy, Saoirse Ronan, Vanessa Redgrave, Benedict Cumberbatch. É um filme de produção franco-britânico dirigido por Joe Wright. 130 minutos de duração, e cor.

1. Dinâmica da Narrativa:

Analisou-se a personagem Briony Tallis, estudante em formação em Enfermagem num Hospital Escola de Londres, que atuava decorrente da necessidade de profissionais durante a Segunda Guerra Mundial na Inglaterra. Sua descrição a define como uma garota calma, reticente, insegura com a profissão e introspectiva; se inspirou na irmã, Cecília, também enfermeira em atuação, para atender à graduação profissional. Quando criança sonhava em ser uma romancista, fato que utiliza como recreação durante os intervalos ou nas noites na instituição, já que pernoitam lá. É branca, loira, inglesa. Suas vestimentas encenadas se dão por um vestido comprido azul claro, avental branco sobre ele, meia calça e sapatos baixos brancos, além de uma touca mais curta sob a cabeça. Não possui ligações suas ou do serviço do hospital coligado à religião. No conjugado, há a presença de outras jovens além da enfermeira-chefe, mulher rígida e discípula dos métodos da didática moderna de Florence Nightingale. O filme tem seu recorte espaço-temporal nos anos 40.

Cena: Quando soldados britânicos sobreviventes de um ataque pelo exército do Eixo na França são enviados de volta à Inglaterra, o hospital de Briony os recebe e a enfermeira-chefe designa todas as suas alunas para atender, inspecionar, cuidar e supervisionar os feridos por um todo

na ala da enfermaria. Briony atende um paciente francês que possui um grave ferimento no crânio do lado temporal/occipital. Ela decide ser solícita, apesar da insegurança, e promover medidas terapêuticas de conforto quando ele, em estado terminal, pede que faça-lhe companhia, fale sobre sua vida, conversem em sua língua nativa - a chefia sabe da rasa mas eficiente facilidade com a gramática francesa da aluna, por isso a indica - e diga o seu primeiro nome, já que no hospital todas se identificam somente pelo último sobrenome. Depois de o atender, em previsão de seu falecimento próximo, ela é advertida pela superior por infringir a regra institucional de identificação. Esta baixa a deixa atenta.

2. Ponto de Vista:

2.1. Sentido visual/sonoro:

Na cena em questão, não há o uso de banda sonora. O som utilizado na imagem é meta-diegético, quando há sons que o espectador interpreta referentes à ação mas sem verossimilhança, já que antecedendo sua morte há sons vindos supostamente da mente da vítima como forma de evocar seu passado ou momentos da guerra. Junto, há a ambiência.

No sentido visual, os planos utilizados em cena são de início o de conjunto para apresentação de uma parte significativa da ala, com seus participantes em desfoque; do plano médio, quando a câmera apresenta no quadro seguinte a cenografia e os objetos em cena mas já sem expandir para o restante do espaço, onde vemos biombo, cama e os dois personagens presentes; o plano fechado, quando há close-up sobre os atores, no caso ora em Briony, ora no paciente; e o primeiro plano, destacando o tronco dela e o restante superior. Também, presença de plano e contra plano.

2.2. Sentido Narrativo:

A cena é filmada em terceira pessoa, com seus protagonistas ativos como influências de suas narrativas em ação.

2.3. Sentido Ideológico:

Joe Wright insere em sua direção uma história de formação da vida infante à adulta da co-protagonista Briony. Ao assumir a posição de graduanda na mesma profissão que a irmã, ela tenta expiar sua culpa do passado quando interferiu em seu relacionamento particular separando-a de um namorado da época e o condenando à prisão. O que se tira da narrativa é uma expectativa analítica de se formar enfermeira como um processo de redenção culpada, cuidando do outro e exercendo sua atuação como cuidadora. Além disso, há uma equiparação com a irmã por serem de um mesmo ofício e também incitar a enfermagem como uma ocupação de amor pelo cuidado e pela empatia, e nada além. Apesar disso, os procedimentos são todos originários da modernização proposta por Florence Nightingale. Uma rigidez tradicional, havendo essa afirmação asseada e asséptica, além de estrutural e organizacional, de seus integrantes e espaços ocupados, divergindo dos médicos, por exemplo.

8.5. Um Estranho no Ninho: “One Flew Over the Cuckoo’s Nest”. Lançado em 1975, com a tradução vertida ao português do Brasil sob “Um Estranho no Ninho.” Com Jack Nicholson, Louise Fletcher, Danny DeVito, Will Sampson, Christopher Lloyd. De produção estadunidense, foi dirigido pelo ator, diretor e roteirista checo Milos Forman. 133 minutos, cor.

1. Dinâmica da Narrativa:

A análise recai sobre a personagem denominada de Ratched, enfermeira chefe do hospital psiquiátrico - Instituição Mental Estadual - do Oregon nos Estados Unidos. Sua construção nos é vendida como uma figura autoritária, intransigente, assertiva e matreira. Uma ação que respalda suas características descritivas se dá num momento em que o protagonista McMurphy sugere uma possível mudança na regrada atividade diária, de democrática escolha entre eles e seus colegas; reticente, ela decide abrir mão de sua organização ardil diante de uma votação com os demais, em um lugar que trata de pacientes em sua maioria sem discernimento adequado para decisões próprias; a tentativa não compete com o esperado, quando o grupo não entra em sintonia, e logo ela se sente superior a eles, provando de seu autoritarismo procedural.

Ratched veste à época vestido branco, com meia-calça e calçados baixos brancos, touca e sem jaleco. Carrega instrumentos clínicos em momentos específicos, como bandeja de medicamentos ou caderno de anotações nas reuniões em grupo com seus pacientes; Não há ligações da personagem à religião ou de individualidade particular, como seu espaço doméstico. Em cena, ela aparece acompanhada de outra enfermeira jovem e auxiliares hospitalares. Filmado nos anos 70, possui uma linguagem que alimenta a decadência plural norte-americana que pairou no país no momento.

Cena: Próximo ao seu encerramento, o roteiro insere uma cena em que todos os pacientes instalados na ala no momento da noite, quando Ratched vai embora, iniciam uma interação em formato de uma pequena festa; o segurança do turno é distraído e no dia seguinte, quando é o turno de Ratched que começa, ela ao chegar na instituição se depara com o resultado: o andar completamente desorganizado, camas reviradas, vestígios de bebidas e acompanhantes femininas no setor. A partir daí, sua rigidez e controle diante de sua posição sobre todos eles toma uma forma mais abrupta, afetando um dos internados, que sofrendo de esquizofrenia e gagueira tem sua primeira relação sexual com uma das garotas que adentraram o recinto, enfurecendo Ratched que acredita possuir total controladoria de seus internos, valendo de condutas que sobrepõe qualquer outra avaliação. É o momento que ela aciona outros funcionários e o trancafia como forma de punição; ele se revolta e se suicida. Após essa decisão, é atacada pelo protagonista, McMurphy, posto ali como suposto “doente mental” para cumprimento de pena judiciária, e depois de ser imobilizado é determinado por ela a ser encaminhado ao “andar de cima”. É lobotomizado, e Ratched volta a assumir seu posto.

2. Ponto de Vista:

2.1. Sentido visual/sonoro:

Na cena em questão, há o uso de banda sonora. O som utilizado na imagem é não-diegético.

No sentido visual, os planos utilizados em cena são o plano aberto, em que se vislumbra o cenário por completo, entremeado com o plano médio, quando a câmera se aproxima dos atores em questão, como a cena da revolta final e do primeiro plano, em que do tronco à cabeça se tem um enquadre, o momento em que McMurphy agarra o pescoço de Ratched já estirada no chão, focando seus bustos. Ademais, se identifica também presença de plano e contra plano, já que McMurphy, por exemplo, se dispõe frente a frente com Ratched em seu ataque.

2.2.Sentido Narrativo:

A cena é filmada em terceira pessoa, com seus protagonistas ativos como influenciadores de suas narrativas em questão.

2.3.Sentido Ideológico:

O cineasta Milos Forman se preocupa durante todo o longa em transmitir através de suas lentes a violência institucional da época dada a usuários do serviço de saúde mental. Na cena descrita anteriormente, capta-se uma referência à sua enfermeira e à localidade antipáticas como disciplinantes, regrados e irreversíveis em seu formato mecânico carente de aptidões humanizadas ou baseadas em evidências progressistas. Daí, tira-se interpretações filmicas do produto como crítica ao descaso e aos desdobramentos rígidos do Estado e de seu quadro de funcionários subalternos perante à fragilidade da prática empática e científica na área psíquica.

8.6. Meu Pai: “The Father”. Lançado em 2020, teve o título brasileiro interpretado como “Meu Pai”. Com Anthony Hopkins, Olivia Colman, Rufus Sewell, Olivia Williams, Mark Gatiss. De produção franco-britânica, foi dirigido pelo dramaturgo francês Florian Zeller. Possui 97 minutos de duração em cor.

1.Dinâmica da Narrativa:

Os personagens focais são Catherine e Bill, enfermeiros de uma instituição de longa permanência em que tratam do cuidado clínico e humanizado de idosos, em sua maioria demenciados ou identificados por fatores e agravos geracionais. Sem idades nem tempo de formação especificados, são os profissionais do presente, tenros do século 21. Vestem roupas atuais, uniformes modernos em espécie de coloração próximas às privativas, e estão em posse de instrumentos clínicos vitais e básicos, como termômetros, relógios e pranchetas de anotação, calçando tênis confortáveis, com crachás identificáveis, e os únicos na atuação empregatícia a terem tempo de tela.

Cena: Após uma possível crise capacitante, o personagem de Anthony Hopkins, Anthony, que possui alzheimer, tem sinais estáveis mas ainda fortemente ligados à sintomática da doença, aludindo aos enfermeiros cuidadores como os papéis de sua filha e o esposo desta, respectivamente, quando atende à intervenção da enfermeira Catherine, que vai em sua

presença o acudir, o medicando para em seguida na contínua terapia conversar com o idoso sobre a realidade verossimilhante, didaticamente e empaticamente, tentando preservar um pouco da memória restante incitando-o sobre a situação da filha verdadeira, que morando na França ao lado do marido, visita-o em intervalos semanais e o instalou ali em busca de conforto e atenção necessários propensos aos profissionais de saúde capacitados.

2. Ponto de Vista:

2.1. Sentido visual/sonoro:

Na cena em questão, há o uso de trilha sonora instrumental apenas em seu frame final, em proximidade aos créditos finais. O som utilizado em imagem é diegético e de ambiência.

No sentido visual, os planos utilizados em cena são o plano médio, quando há um vislumbre centrado em presenças no meio do ambiente, aqui, as duas personagens enfermeiro-paciente; do meio primeiro plano, que foca no enquadre da figura humana da cintura para cima, Anthony em momento de crise pela doença progressiva, da alusão ao cuidado da enfermeira Catherine a ele, e da passagem rápida do enfermeiro Bill pelo recinto em representação do significado deste plano; e primeiro plano, quando o enquadre é do tronco à cabeça, em que Anthony é acudido por Catherine sentados em sua cama a confortá-lo. Além desses, há presença de plano e contra plano, quando, numa cena ou sequência qualquer, tem-se dois personagens em diálogo um de frente ao outro, caso dos dois já citados.

2.2. Sentido Narrativo:

A cena é contada em terceira pessoa, e os dois presentes representam o sumo do enredo. Tudo construído até ali se revela em seu desfecho. Portanto, eles possuem ações que influenciam na participação ativa que decorre ao longo da narrativa dada a eles.

2.3. Sentido Ideológico:

O diretor, Florian, influencia sua visão além da de diretor, já que também é o roteirista adaptando de sua peça teatral o texto filmado, em seus enquadramentos na referida cena decorrente do escrito original. Os protagonistas, idealizações da figura cisgênero e geracional, trabalham esta associação e contato, além de um retrato narrativo de um acometido por uma doença gradativa instável e degradante. Trabalham-se questões psicológicas e familiares, memórias e legado deixados pelo personagem principal e a dissecação do eu, quem foi, quem será, e qual sua marca no mundo. Quanto à enfermagem, atestar a competência e dignidade entre os seus no que tange aos pacientes de tal grau de diagnóstico, numa caracterização atual da profissão.

9. Discussão:

Os resultados construídos possibilitam a construção narrativa acerca do imaginário social do enfermeiro nas obras fílmicas estudadas, englobando a categoria social e científica, nacional e mundial, representada em concepções idealizadas por filmes ao longo de décadas e embasadas pela percepção do imaginário social, seja de cunho pessoal de seu realizador ou da visão oriunda do coletivo cultural.

Assim, no tocante às definições das categorias identificadas dos filmes analisados, delimitou-as por seus antecedentes históricos: o cuidado científico moderno-histórico em “Desejo e Reparação”; o cuidado disciplinante em “Um Estranho no Ninho”; e o cuidado prestativo avançado em “Meu Pai”.

Do ponto de vista histórico, é sabido que ao lutar pela profissionalização da enfermagem como ocupação assentada em moldes modernos, Florence Nightingale obteve sua retórica perpetuada após quase um século depois quando a Inglaterra enfrentou a ascensão do nazismo e seus contrerrâneos em batalha necessitaram de todo apoio reiterado do atendimento auspicioso às necessidades humanas de Nightingale, invocado em sua emblemática participação na precursora Guerra da Criméia, em 1854, às ciências em saúde.²⁷

Em “Desejo e Reparação”, obra originalmente escrita por Ian McEwan para o meio literário e transformada em adaptação cinematográfica em 2007, tem seu pano de fundo situada durante a explosão da Segunda Grande Guerra e preconizou em não desmemoriar a história de seu país e dos atores envolvidos na prudência em saúde no evento. A personagem Briony Tallis segue os passos da irmã Cecília, anos mais velha, como enfermeira, e adentra o hospital-escola de Londres. Apesar de sua sistemática participação na recriação da realidade expressa, Briony é movida por condutas de culpa e reparação de seu passado familiar engendrados no contexto vivido, quando tenta se expiar através da carreira escolhida.

*“Por mais que se esfalfasse em trabalhos braçais e nas tarefas mais humildes da enfermagem, por melhores e mais intensos que fossem seus esforços, por mais que houvesse aberto mão dos conhecimentos que lhe proporcionaria o estudo, da oportunidade de viver no campus de uma universidade, ela jamais poderia desfazer o mal que causara, ela não tinha perdão”.*²⁸

A passagem sugere ainda a enfermagem como uma tradição empírica em seu agir, contraposta ao meio acadêmico divergente e conceituado de outras ciências. Com a consolidação da enfermagem ao longo do tempo, houve a possibilidade de desconstruir estigmas normalizados na ciência da enfermeira. Fato que se constata à sociedade londrina à

época, onde esse desfalque social à profissão se desfazia no antro hospitalar, que livres de ataques inimigos os métodos assistenciais essenciais provinham das próprias *nurses*.

Seguindo a educação protocolar Nightingaliana, a adesão ao seu estilo de pensamento e práxis culminam em medidas de sucessivos resultados positivos no prognóstico de suas vítimas.²⁹ A Teoria Ambientalista foi uma delas, visualizada em atos no longa por Brionny e colegas de turma.

Florence, racionalmente, acentua ser em ambiente adequado o diferencial para a recuperação de enfermos, sendo esta definição, portanto, base para a sua Teoria Ambientalista, desenvolvida na redoma inglesa quando de sua atividade. O meio ambiente é concreto por como sua influência externa afeta a vida e o desenvolvimento de um organismo, este comedido ou suplantando algo/alguém para a doença, sua recuperação ou morte. Em suma, a teoria Ambientalista foca na tentativa de implementar uma assistência humanizada, amparada no controle ao redor do assistido. Sua vivência se dá por interação com fatores externos como ventilação, limpeza, iluminação, calor, ruídos, odores e alimentação. Num ambiente saudável, Florence sugere a permanência também saudável do paciente.³⁰

Atualmente, o pressuposto da dama da lâmpada, título vinculado à ela por suas rondas noturnas em campo de feridos para controle epidemiológico, sugere longevidade, levando em conta a publicação do livro e sua filmagem em pleno século XX, que modernizada a ciência em enfermagem disseminou a herança de seus ensinamentos e respinga-se na discussão do foco ambiental sua importância para o bem pessoal e coletivo.

Em cena, Briony vive um período de transição. Joe Wright, diretor da remoção do romance para as telas, é britânico e afeito aos romances históricos em seu currículo. De suas lentes foram transpostos ainda “Orgulho e Preconceito” e “Anna Kariênina”. Em todos trabalhou com Keira Knightley, sua Cecília, que em “Desejo” é a primeira enfermeira da família Tallis.

Condecorada em Cambridge, é solapada a um diploma de terceiro grau em Letras, visto no período como um consolo universitário à mulher inserida na sociedade, um insignificante título. Prevendo o mesmo caminho, apesar da veia dramatúrgica, Briony se acolhe em uma forma de escape familiar e escolhe uma formação de predicado feminino afora o enlace marital, a enfermagem, sinônimo de prestação doméstica à comunidade.³¹

Enquanto havia Churchill no Reino Unido, no Brasil o período de lutas contra o genocídio causado por Hitler, era o do Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, regime político instaurado por Getúlio Vargas de 1937 até 1946. Seu mandato caracterizou-se pela centralização do poder e do nacionalismo, dando viés para discursos persuasivos da imagem do país em apoio à Tríplice Entente (constituída por Inglaterra, França e Rússia): a da pátria-mãe, enviando enfermeiras brasileiras à Europa, que ofereciam aos soldados no front de guerra seus cuidados, engessados como maternos.³²

Com isso, Vargas promoveu uma união entre todos os homens e mulheres sem estratificações ou divisões sociais, um acoplado social utópico, numa mobilização do Estado vigente para a adesão à Guerra.³²

Getúlio utilizou-se da enfermagem para montar um estrato de condição da mulher de classe média, por vezes, alta, em prol da mobilização delas pelo seu Estado Novo. Além da posição econômica, a enfermeira diplomada precisava atuar em diversas linhas de frente para se destacar dos demais exercentes no campo dos cuidados já institucionalizados no contexto popular, freiras, enfermeiros militares, por assim dizer.

No Brasil, era o momento para surgirem novas escolas preparatórias para a profissionalização de enfermeiros, cujo objetivo foi graduar uma nova geração evoluída em conceitos "nacional-desenvolvimentistas", afastada das ideias eurocêntricas do pós Guerra. Datam dessa fase a fundação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.³³

Na estrutura hospitalar em que exercia Briony, a hierarquia era clara, a enfermeira chefe administrava vigilantes as atitudes de seus residentes. Atribuído pelo modelo nightingaleano, a decupagem de Wright, isto é, seus recortes e colagem de roteiro, expressam linearidade. A Guerra estoura, Cecília se alista, em seguida, sua irmã, e vemos o processo de Briony na sua adaptação laboral, movida a traços já referidos.

Seja na limpeza de locais e objetos hospitalares, no atendimento ao público e pessoal, na vestimenta ou na rigidez de sua formação, em constrante às atividades médicas - compostas apenas pelo sexo masculino, as atitudes da personagem demonstram perseverança nas evidências de Florence, hoje constituídas de um saber atualizado em comprovações científicas, mas todavia alçando sua teórica como o pilar para a enfermagem moderna, em curso de uma autonomia do imaginário cultural obsoleto.

Anos mais tarde, é chegada a década de 60, era da contracultura americana, tempo de celebrar importâncias vitais, o amor e a paz, angariado de novas tribos, ditos hippies e contrariar sistemas tradicionais como o *American Way of Life* na sua expressiva caça aos seus críticos. Milos Forman, diretor de atos representativos vivazes, como o musical “Hair”, volta ao seu púlpito consciente no decenário seguinte para dessa vez descolorir a América com seu olhar imparcial de estrangeiro.³⁴

No contexto da década de 1970, “Um Estranho no Ninho”, de 1975, é soturno e impiedoso. É uma descrição sincera desses anos, contrária à sua década antecessora, quando o americano tem às vistas a Guerra do Vietnã, o escândalo de Watergate e a Crise do Petróleo, num quase apagão social de um país comumente idealizado. Assim como a economia, a vivacidade de quem lutava contra os padrões estatais esvaiu-se. Os direitos humanos foram sucumbidos, e isto enxerga-se com todo viés no longa protagonizado por Jack Nicholson e Louise Fletcher, esta, fruto canônico cultural como a temida enfermeira Ratched.³⁴

Ratched é a epítome do exemplo comportamental inserido no contexto em que vive. Administra a ala de pacientes mentais de um hospital estadual psiquiátrico no Oregon, portanto, dita e segue regras. Chefia com a mais simples definição de autocracia. Acredita que todos os seus doentes são incuráveis, peças dispensáveis da sociedade e merecidamente tratados disciplinarmente por uma quase obediência militar. Assim como a que o Estado americano exigia de seus enviados ao território vietnamita. O comportamento impassível se fazia ordem.

A postura de Ratched é contrastada com o ser enfermeira no passado; afora a fase inicial da profissão, personificada na caridade ou no auxílio medicinal, a reformulação religiosa medieval permitiu a entrada de personas das mais diversas camadas ínfimas da sociedade europeia ao status da enfermagem que se somariam herdeiras. Lá, o período intitulado Pré-Nightingaleano (1838-1888), integrou tipos como Sarey Gamp, personagem romanesca mas de juízo verossímil, do inglês Charles Dickens, descrita como uma *nurse* de baixa instrução e comportamentos viciosos e nada dignificantes. Era a inserção vitoriana de trabalhadoras que fizessem o trabalho pesado e pejorativamente “sujo”, intocado por componentes de outras áreas científicas de prestígio, como a médica, ou a econômica.³⁵

O cuidado disciplinar que tem Ratched como atriz é derivado do enternecimento de saúde enquanto instituição normativa, punitiva e vigilante. É paulatinamente acrescido após a reestruturação de Florence na enfermagem, sendo ela própria uma entusiasta dos motes morais na conduta da luta contra doenças. Apesar de ambientado nos EUA, a trama de Forman é latente

na figura da enfermeira contemporânea, herdeira de uma opressão sistêmica de sua atuação como exemplar cuidadora e de menor apreço social.

A enfermeira é ilustrada como funcionalmente a que segue as normas institucionais no controle em saúde, e que para isso controla seus pacientes e nega suas unicidades, sem ir além do diagnóstico para seus tratamentos. O diretor tcheco tinha em vista uma crítica ao opressivo espaço que se tornara a América em sua época de filmagem, onde o negacionismo à mentalidade saudável era pauta. *Ratched* era ciente e afável a essa hierarquia categórica.

O Brasil, no mesmo período, é marcado pela péssima qualidade de assistência aos portadores de doenças mentais, que incluíam superlotação de instituições, comercialização da loucura, cronificação do diagnóstico mental e estigma aviltante dos portadores. O panorama principal para essas atitudes consentidas era o modelo médico de atuar e o hospitalocêntrico. Na nação brasileira também estavam presentes movimentos que clamavam pela melhoria do tratamento psiquiátrico e pela humanização na área. Data disto a Reforma Psiquiátrica brasileira.³⁶

A vertente dessa luta por brasilienses conscientizados contra a desumanização mental foi de “caráter político, social, econômico, influenciado pela ideologia de grupos dominantes”. Essa historicidade teve suas raízes na concepção de desinstitucionalização patriarcal dos Estados Unidos, onde descende *Ratched*, e da Itália, com o progressismo insurgente, tida hoje como item essencial das políticas de saúde.³⁶

Figura central na luta contrária à estratificação psicológica no Brasil, também estava D. Ivone Lara, importante enfermeira, enquanto mulher negra, enxergada como minoria em seu país em equidade ao seus pacientes, que atuou ao lado da médica Nise da Silveira, como representantes da anuência em revolucionar o sistema de saúde mental, adotando medidas terapêuticas alternativas inseridas e apoiadas em coexistência atuais.³⁷

D. Ivone dedicou imensa parte de sua vida para o amparo do serviço público, legando e intensificando seu papel na inversão dos princípios mediados por *Ratched*.

À virada do milênio, havia expectativas para a evolução do enfermeiro. Enquanto prestador da assistência e pesquisador, seu acréscimo na patente em saúde é cada vez mais indispensável. A profissão agora convive com a mais alta tecnologia em seu auxílio, ao passo que aflui por mudanças éticas e competitivas de mercado. Ademais, o enfermeiro moderno é acadêmico, gestor, coordenador ou líder de equipe para além dos territórios hospitalares, concentrando sua

prestação em instituições de longa permanência, ambulatorios, auditorias, universidades, congressos e UBS.³⁸

Logo, o seu desempenho múltiplo efetivo é visado na manutenção e desenvolvimento dos diversos processos laborais que executa e também no cuidar, na constante busca em propiciar qualidade e segurança nos atendimentos autorais e de seus subordinados, gerando satisfação de ambas as partes.

Na obra filmica “Meu Pai”, do diretor Florian Zeller, aborda-se a presente figura do enfermeiro assíduo e consolidado. Eles agora exercem suas funções fora dos conglomerados hospitalares, como as em que são ponte e apoio a idosos em ILPIs, as popularmente casas de repouso à terceira idade. Sua ascensão ao cientificismo próprio garante novos cuidados e perícias que permeiam e aprazem à proteção e ao prognóstico positivo do paciente. Quando não, garantem sua constância oscilante no mínimo conforto ou no estágio paliativo.³⁹

O protagonista presencia o referencial prestativo da enfermagem numa casa de permanência inglesa com eventuais visitas da única filha, que vive em Paris. Seus acompanhantes são cotidianamente os enfermeiros Bill e Catherine, que congregam o cuidado integral técnico e emocional, lidando com o acometimento degenerativo do personagem de Anthony Hopkins.

No tocante aos sexos, a nova fase secular ascendeu os homens na incursão à enfermagem. Até 2000, eles representavam 9% da fatia compositora contra 90% do sexo feminino. Um crescimento tímido desde o empoderamento feminino de Nightingale às mulheres egressas, mas culminando na exclusão masculina. De fenômeno exponencial, até 2010 a faixa desses indivíduos cresce para 12,76% e tende a se firmar sequencialmente.⁴⁰

O francês Florian, por fim, adapta seu texto teatral às telas para oportunamente atualizar a geração espectadora da decência esperada aos portadores de tais distúrbios intelectuais. O ator galês performa um homem que se vê às voltas de repetidas e consecutivas confusões mentais, diligentemente extinguindo as lembranças outrora familiares e cívicas. Destaca-se que os fantasiosos remoramentos de Anthony em desconhecimento de seu ciclo vivido, até à alternada ou extinção total de seu passado e presente, tem nas situações atreladas o suporte da enfermagem.

Argumentar sobre o tema do envelhecimento é ponderar sobre sua extensão à posteridade. Estimativas quantitativas explanam a demanda desafiadora em acoplar a comunidade idosa diante de uma pirâmide geracional que se intensifica, esta que invertida trará mais seniores

habitando o planeta. Configura o cenário enfoque na formação ampla do novo enfermeiro em políticas de saúde pública e seus agregadores juntamente a par da gerontologia, estudo biopsicossocial que fornece competência total sobre o ser humano no seu exercício em envelhecer.⁴¹

Todos os filmes são aferentes com a pertinência de seu tempo, estes discutidos fazem juízo à afirmativa. Englobados na categoria em enfermagem, demonstram o espólio no que concerne à justaposição do significado da profissão, ciência e cuidado.

Mesmo escrito em 2002, Ian McEwan sabia do peso arraigado das enfermeiras em seu contexto bélico. Milos, da supressão nacional da América de Nixon; seu preceito aplainou-se no país e em entidades injustiçadas, como a comandada por Ratched. E Florian aclamou o essencial esforço da classe aos debilitados, que de civilizações e temporalidades distintas, se estabelece comprovadamente atemporal.

10. Conclusões:

A contribuição do presente estudo para a desmistificação do olhar integrado e estereotipado da enfermagem crê numa esperada consolidação cultural que avance na descrição e análise atenta, cuidadosa e atual acerca das diferenças que o ofício requer para vislumbrar as manifestações do ser e do fazer do enfermeiro, este como ator social do seu tempo e do contexto social no qual vê-se inserido.

Sabe-se que a história de uma profissão pode ser contada por quem a vivencia na prática, e a enfermagem ainda vive sob sofismas quando representadas em visões externas do campo praticado.⁴² Na tentativa de problematizar no olhar fílmico o papel e lócus imaginário social do enfermeiro, perpassam estimadas representações de quem é esse profissional sem portanto ainda somá-lo ao panteão de reconhecimento universal e estimado.

Os filmes selecionados desanuviam a proposição da baixa contemplação da profissão e de seu profissional sob a ótica cinematográfica. Apesar de restrito em certas categorias, origem e língua das produções, como em posições acrescidas de empoderamento e emancipação frente aos demais cargos superestimados, tal qual a medicina, é possível um vislumbre pragmático do enfermeiro midiático. Por outro lado, é possível também problematizar mais ainda sobre o que é e o que faz esse profissional em diversos contextos sociais, desvelando-se assim múltiplas percepções desse imaginário nos diversos contextos culturais.

A análise das obras filmicas selecionadas de modo proposital permitiu olhar para novos horizontes da pesquisa através da oportunidade de uma inesgotável e extensiva pesquisa sequente, para o reconhecimento do papel social do enfermeiro ou da enfermeira na arte filmica, em que essas e outras efervescências se rompam em futuros trabalhos de historicidade sociológica e de seu imaginário, contemplando a desenvoltura da enfermagem em fontes filmicas, pois ela como uma instituição social reflete o desenvolvimento epistemológico como um todo.

11. Referências

1. Bernardet JC. O que é cinema. 21ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense; 2012.
2. Bergan R. Guia ilustrado zahar: cinema. São Paulo: Editora Zahar; 2006.
3. Mascarello F. História do cinema mundial. 1ª edição. Campinas: Papirus; 2006.
4. Diegues C. A diversidade é a saída para um cinema justo. O Globo, São Paulo. 2017 mar. 20; Cultura.
5. Pantlaguean E. “A história do imaginário”. A história nova. São Paulo: Martins Fontes; 1990, p. 291-316.
6. Nascimento CP. A Saúde e o cuidado entre os povos antigos. Série Notas de Enfermagem, Docsity; 2011 fev. Disponível em:
docsity.com/pt/hist-enfermagem-a2-a-saude-e-o-cuidado-entre-os-povos-antigos
7. Bastiani JAN, Ribas DL, Pereira VP, Padilha MI, Bornstein MS, Geremias C. As origens da enfermagem e da saúde: o cuidado no mundo. In: Padilha MI. Enfermagem: História de uma profissão. São Caetano do Sul: Ed. Difusão; 2011.
8. Morais FR, Silva C, Tibeiro M, Pinto N, Santos I. Resgatando o cuidado de enfermagem como prática de manutenção da vida: concepções de Collière. Revista Enfermagem UERJ [internet]. 2011 [citado em 24 set 2018];19(2):305-10. Disponível em:
<http://www.facenf.uerj.br/v19n2/v19n2a22.pdf>
9. Collière MF. Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem. Lisboa: Lidel – Zamboni; 1999.

10. Padilha MICS, Mancia JR. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. Rev. bras. enferm. 2005 dec [citado 2020 may 14];58(6):723-6. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000600018&lng=en

12. Silva O, Apolinário M, Oguisso T. A enfermagem em obras clássicas da literatura: estudo com base sociolinguística. Enferm. Foco [Internet]. 2017. [citado 2020 May 15];8(2):57-61. Disponível em:

<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/987/382>.

12. Tetzlaff AAF. Breves reflexões acerca do contexto histórico do enfermeiro forense e sua contribuição no atendimento intra-hospitalar. Rev. uniandrade. 2020; 21(3):167-179. Disponível em:

<https://revista.uniandrade.br/index.php/revistauniandrade/article/view/1793/1353>

13. Wiggers E, Donoso MTV. Discorrendo sobre os períodos pré e pós Florence Nightingale: a enfermagem e sua historicidade. Enfer. Foco 2020; 11(1) Especial: 58-61. Disponível em:

<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3567/803>

14. Oguisso T, Campos PFS, Santiago ES, Luchesi LB. Anayde Côrrea de Carvalho: legado histórico para a enfermagem brasileira. 3º Cuatrimestre 2013; 17(37). Disponível em:

https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/35064/1/Cult_Cuid_37_04.pdf

15. Lanza LB. Enfermeiros-homens: uma nova identidade em construção [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006. Disponível em:

<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17181/1/PSO%20-%20Leni%20B%20Lanza.pdf>

16. Barros JDA. Imaginário, mentalidades e psico-história – uma discussão histográfica. Labirinto 2005; [citado em 24 set 2018]:7(2).

Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo71.html>

17. Donadeli JD. “Desejo e Reparação” revela as consequências de um erro. Jornalismo, Pernambuco; 2008 jan 24.

18. Schwarz PM. (Des)construindo Persona. São Paulo; 2016. Disponível em:

repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8046/DissPMS.pdf?sequence=1&isAlloved=y

19. Campos P, Oguisso T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. Revista Brasileira de Enfermagem [internet]. 2008 [citado em 24 set 2018];61(6):892-8.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a17v61n6.pdf>

20. Oguisso T. Campos PFS. Por que e para que estudar história da enfermagem? Enfermagem em Foco, 2013; 4(1): 49-53.

Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/503/193>

21. Martins, L. A. PP. “História da Ciência: objetos, métodos e problemas”. Ciência & Educação, 2005; 11(2):305-317.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf>

22. Penafria M. Análise de filmes – conceitos e metodologias. In: VI Congresso da SOPCOM; 2009 abr, 14-18; Lisboa. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009. P. 1-10.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>

23. Xavier, ACS. O Hipertexto na Sociedade da Informação: a constituição do modo de enunciação digital. [Tese] Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem Unicamp, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269080>

24. Cerqueira, MLCC. Pontos de vista. Rev. vista 2017; (1):07-15.

Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/2959/2861>

25. Montanari PM. Formação para o trabalho no ensino das graduações em saúde. Saúde Soc. São Paulo 2018; 27(4):980-986.

Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2018.v27n4/980-986/pt>

26. Laplantine T, Trindade L. O Que é imaginário. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Editora Brasiliense; 1970.

- 27.** Oliveira, AB, Cesario MB, Santos TCF, Orichio APC, Abreu MSA. Enfermeiras diplomadas para a aeronáutica: a organização de um quadro militar para a segunda guerra mundial. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2013 Jul-Set; 22(3): 593-602. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/ZcwzK8nkMD5CP4ZcpSkPWqj/?lang=pt&format=pdf>
- 28.** McEwan I. *Reparação*. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.
- 29.** Backs VMS. O legado do modelo nightingale: seu estilo de pensamento e de práxis. *R. Bras. Enferm*. Brasília 1999; 52(2):251-264. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/HQX8zbhPFs6NpcmnvHFRxZJ/?format=pdf&lang=pt>
- 30.** Medeiros ABA, Enders BC, Lira ALBCL. Teoria ambientalista de Florence Nightingale: uma análise crítica. *Esc Anna Nery* 2015;19(3):518-524 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/9zrj7LrWzWGJhjJ7BdZDHXG/?format=pdf&lang=pt>
- 31.** Zanatta DL, Souza RJ. A personagem na obra de Ian McEwan: entre a culpa e o desejo de reparação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre 2017; 52(2):174-182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/lh/a/jy34pkYwDLYphpds6yT9xwx/?lang=pt&format=pdf>
- 32.** Barreira LA, Baptist SS. A (re)configuração do campo da enfermagem durante o estado novo (1937-1946). *Rev. Bras. Enferm*. Brasília, 2002; 55(2):205-216. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/7VgzJ8zchrpprNMcdMqfT9N/?format=pdf&lang=pt>
- 33.** Mendes IAC, Leite JL, Leite JL, Trevizan MA. A Reben no contexto da história da enfermagem brasileira: a importância da memória de d^a Gleite de Alcântara. *Rev. Bras. Enferm*. Brasília, 2002; 55(3):270-274. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/gMDBxJPWCMHVvTkLWYvmgRP/?lang=pt&format=pdf>
- 34.** Rodrigues MF. *A contracultura no cinema segundo Milos Forman a partir das análises de Procura Insaciável, Um Estranho no Ninho e Hair* [dissertação]. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais; 2008.
- 35.** Sousa JCC, Gonzaga STG, Novais MAP. A história da(o) da(o) enfermeira através do cinema. 1º Seminário de Educação e Pesquisa em História da Enfermagem. 2011 junho 8-9; São Paulo. Disponível em: <http://www.abradhenf.com.br/admin/libraryImage/9/15448200145c14152e1cf3e.pdf>

36. Oliveira ICL, Cavalcante MLSN, et al. Cultura de segurança: percepção dos profissionais de saúde em um hospital mental. Rev. Bras. Enferm. 2018; 71(5):2450-7. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/XxMdQVnfgJRRwnwG6d564vd/?lang=pt&format=pdf>

37. Scheffer G. Serviço social e dona Ivone Lara: o lado negro e laico da nossa história profissional. Serv. Soc. São Paulo, set/dez. 2016; 127:476-495. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ns7LLKhc85GndG4DnmqGDtN/?lang=pt&format=pdf>

38. Matumoto S, Fortuna CM, Kawata LS, et al. A prática clínica do enfermeiro na atenção básica: um processo em construção. Rev. Latino-Am. Enferm. jan-fev 2011; 19(1):[08 telas]. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/cMqtYP4XYqDCyDw94qD4Bhb/?lang=pt&format=pdf>

39. Kletemberg DF, Padilha MI, Maliska IA, et al. O mercado de trabalho em enfermagem gerontológica no Brasil. Rev Bras Enferm. 2019;72(Supl 2):104-11. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/dnLvsPQ8ywg48LH4565dFf/?format=pdf&lang=pt>

40. Sales OP, Bueno BCL, Araújo KEV, et al. Gênero masculino na enfermagem: estudo de revisão integrativa. Revista Humanidades e Inovação 2018; 5(11). Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/101>

41. Moreira WC, Carvalho ARB, Lago EC, et al. Formação de estudantes de enfermagem para atenção integral ao idoso. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2018; 21(2): 191-198. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbgg/a/cW65sZMcXyXjrM4PXFQKHGS/?lang=pt&format=pdf>

42. Becerril LC. História da educação de enfermagem e as tendências contemporâneas. Hist enferm Rev eletrônica. 2018; 9 (1):1-2. Disponível em:

http://here.abennacional.org.br/here/v9/n1/_EDITORIAL-1_portugues.pdf

